

ANÁLISE DE OCORRÊNCIAS DO ITEM LEXICAL *AINDA* EM SITUAÇÃO DE AUTOCONFRONTAÇÃO

Leticia Lemos Gritti

Doutora – Professora de Linguística da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Pato Branco, Paraná, Brasil

Anselmo Pereira Lima

Doutor – Professor de Linguística da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Pato Branco, Paraná, Brasil

RESUMO: Este trabalho visa analisar algumas ocorrências do item lexical *ainda* em diálogos produzidos em situação de autocronfrontação (cf, FAITA, 1997, 2007), que seguiram princípios da Clínica da Atividade (cf, CLOT, 2010, 2005) com a participação de dois professores e um pesquisador, em um programa de formação docente idealizado por Lima em 2009. Partindo do pressuposto de que a linguagem e as ações dos sujeitos estão intimamente ligadas, esta pesquisa ancora-se nas formulações de Vigotski (1979, 2001) e de Bakhtin (1992, 1981) e em Chierchia (2003) e Grice (1975) para tratar da semântica e pragmática. Para isso, analisamos dados reais de comunicação, por meio de diálogos e argumentamos que a presença de *ainda* nesses diálogos introduz a pressuposição de um evento que está relacionado ao evento veiculado pela sentença e dispara também uma implicatura de contraexpectativa (GRITTI, 2013). Assim, a conclusão é que com a utilização do *ainda*, por meio da implicatura, há uma quebra de expectativa gerada por seu contexto de trabalho e, assim, o professor - sujeito do diálogo em autoconfrontação - busca ter uma postura contrária àquela esperada pelos alunos para melhorar a interação em sala de aula. Também, pela pressuposição ativada pelo *ainda*, mostramos que o professor tem interesse em demonstrar que acompanha e continua acompanhando os alunos, com a intenção de aproximação do público, o alunado. Isso demonstrará que a linguagem utilizada no diálogo incide diretamente sobre a ação de trabalho do sujeito, o que permite que ele a repense por meio da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem e ação. Análise linguística. Semântica e pragmática.

ABSTRACT: This paper aims to analyze some occurrences of the lexical item “ainda” in dialogues produced in a self-confrontation situation (cf. FAITA, 1997, 2007), which followed the principles of the Clinic of Activity (cf. CLOT, 2010, 2005) with the participation of two teachers and a researcher, in a program of teacher training designed by Lima in 2009. Assuming that the language and the actions of the subjects are closely linked, this research is anchored in the formulations of Vygotsky (1979, 2001) and Bakhtin (1992, 1981) and in Chierchia (2003) and Grice (1975) to deal with semantics and pragmatics. For this, we analyze real communication data through dialogues and we argue that the presence of “ainda” in these dialogues introduces the presupposition of an event that is related to the event conveyed by the sentence and triggers a counterexpectative implicature (GRITTI, 2013). Thus, the conclusion is that with the use of “ainda”, through implicature, there is a drop in expectation generated by its work context and, thus, the teacher - subject of dialogue in self-confrontation - seeks to have an attitude contrary to that expected by the students to improve classroom interaction. Also, by the presupposition activated by “ainda”, we show that the teacher has interest in demonstrating that he accompanies and continues to accompany the students, with the intention of getting closer to the public, his students. This

will demonstrate that the language used in the dialogue focuses directly on the subject's work action, which allows him to rethink it by means of language.

KEYWORDS: Language and society. Linguistic analysis. Semantics and pragmatics.

INTRODUÇÃO

A Linguística, tal como grande parte das ciências, abarca muitas subdivisões dentro dela mesma e cada uma dessas ramificações, muitas vezes, fecha-se em si e perde um pouco do diálogo com as demais. Não é o caso deste trabalho que visa justamente o contrário. Pretende-se aqui fazer um diálogo entre a Linguística Aplicada e a Teoria e Análise Linguística.

Assim, este artigo objetiva apresentar a análise de algumas ocorrências do item lexical *ainda* com o arcabouço teórico da área da Semântica e da Pragmática (Teoria e Análise Linguística) em diálogos produzidos em situação de autocronfrontação, argumentando que a linguagem e as ações dos sujeitos estão intimamente ligadas (Linguística Aplicada). Por isso, traz dados dos diálogos que utilizaram o procedimento metodológico da autoconfrontação em sua origem que servem como corpus para este trabalho. Esses diálogos foram produzidos na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, com a participação de dois professores da Instituição que foram filmados, separadamente quando estavam em suas situações de trabalho, ou seja, ministrando aulas.

Em outro momento, eles foram autoconfrontados para analisar essas situações de trabalho e novamente filmados. É esse momento que foi utilizado para coletar ocorrências do item lexical *ainda*. Esse material foi produzido por Althaus (2013) e, posteriormente, transcrito por ela. Assim, pôde-se utilizar e selecionar só os trechos em que o *ainda* apareceu.

O método utilizado para a gravação dos entrevistados, como já dito, é o da autoconfrontação, utilizado pela Clínica da Atividade, que conta com uma equipe de pesquisa em psicologia do trabalho do Conservatório Nacional de Artes e Ofícios e mais à frente serão melhor detalhados.

Também partimos do pressuposto de que a linguagem e os sujeitos estão intimamente ligados, uma vez que é em função do interlocutor que o locutor seleciona todos os recursos linguísticos para construção do seu enunciado (BAKHTIN, 1992). Além disso, acreditamos que é por meio da linguagem que o sujeito organiza e/ou transforma seu pensamento e suas ações (VIGOTSKI (1979, [1967])).

LINGUAGEM, AÇÃO E INTERLOCUÇÃO

Partindo da concepção de que a língua é produto da interação social e histórica (VIGOTSKI, 2001), este artigo visa relacionar a linguagem com a sociedade. Assim, corroborando a ideia de Vigotski (1979), mostraremos, por meio da análise linguística, com dados reais de comunicação, que a linguagem e as ações dos sujeitos estão intimamente ligadas e influenciam diretamente tanto as escolhas de determinadas palavras pelo falante, quanto a reação que essas palavras podem causar nos interlocutores.

É nele, no interlocutor, que o discurso é pensado, elaborado, reelaborado, etc, etc, (BAHKTIN, 1992). Nessa perspectiva, o sujeito, no momento da enunciação, lançará mão de seu conhecimento linguístico que perpassa a semântica e a pragmática tudo em vista de seu interlocutor.

“Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato que precede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”. (BAKHTIN, 1981, p. 113)

Dessa forma, dado que a palavra está intimamente relacionada aos sujeitos da enunciação, ela também gera ações interiores e exteriores tanto no locutor, quanto no (s) interlocutor (es). Isso porque, segundo Vigotski (2001, p.478-479), “o pensamento não se exprime em palavra, mas nela se realiza”. Nessa perspectiva, o locutor, ao enunciar-se, ao mesmo tempo em que se comunica, realiza e constata ações, também muda seu pensamento e reflete sobre suas ações por meio da linguagem. Mas, para que isso possa acontecer, é preciso ter em mente a significação das palavras:

(...) a significação é uma parte inseparável da palavra enquanto tal, pertence à esfera da linguagem tanto quanto à do pensamento. A palavra sem significação não é uma palavra, é um som vazio. A palavra privada de significação não mais se relaciona ao mundo da linguagem. É por isso que a significação pode ser considerada tanto como um fenômeno verbal quanto como um fenômeno de pensamento. Não podemos falar de significação da palavra tão à vontade quanto inicialmente falávamos dos elementos da palavra tomados isoladamente. O que ela representa? Linguagem ou pensamento? Ela é linguagem e pensamento ao mesmo tempo, pois ela é a unidade básica do pensamento verbal. Se isto é assim, o método de pesquisa só pode ser a análise semântica, a análise do aspecto semântico da linguagem, o estudo da significação da palavra (VIGOTSKI, 1997, p. 56, *apud* LIMA, 2008, p. 93)

Assim, como pensamento, palavra, significação e ação são indissociáveis, este artigo tenta considerar todos esses âmbitos e, para isso, na perspectiva da ação, trouxe a teoria da Clínica da Atividade e o método da autoconfrontação.

CLÍNICA DA ATIVIDADE E O MÉTODO DA AUTOCONFRONTAÇÃO

Para fazer a análise linguística e verificar essa relação entre linguagem, pensamento e atividade, utilizamos dados de diálogos produzidos em situação de autocronfrontação com a participação de dois professores e um pesquisador. Esses diálogos foram retirados de gravações feitas para o programa de formação docente continuada na Universidade Tecnológica Federal do Paraná¹.

A situação de autoconfrontação é um “[...] método de conhecimento e análise da atividade de trabalho que consiste em associar à pesquisa os próprios trabalhadores, confrontando-os a sequências de imagens em que eles mesmos aparecem trabalhando” (LIMA, 2008, p. 6). Esse método foi desenvolvido pelo linguista Daniel Faïta (1997; 2007) e amplamente utilizado pelo psicólogo francês Yves Clot em sua Clínica da Atividade (CLOT, 2010; 2005). Nesse método, o trabalhador é filmado em sua situação de trabalho e depois ele assiste a essas imagens, juntamente com um pesquisador que será o mediador, o que permite ao trabalhador fazer uma análise desse seu trabalho. Esse procedimento é chamado de autoconfrontação simples e é o que foi utilizado nesse trabalho.

Mas, existe também a autoconfrontação cruzada na qual uma dupla de profissionais são igualmente gravados para posterior discussão entre eles sobre imagens selecionadas. Em um primeiro momento um profissional analisa a atividade do trabalho do outro e pode com isso ter a chance de refletir sobre sua própria atividade e vice-versa.

Como foi dito, esse método da autoconfrontação é largamente utilizado pelo pesquisador Clot em sua Clínica da Atividade, nome esse dado à “[...] equipe de pesquisa em psicologia do trabalho dirigida por Clot no CNAM de Paris (Conservatório Nacional de Artes e Ofícios)” (LIMA, 2008, p.110). Essa clínica fundamenta-se em trabalhos de Vigotski,

¹ Esse programa será melhor detalhado na seção da metodologia.

Leontiev e Luria e foca suas atenções nos trabalhadores, em suas atividades e modos de agir e de fazer, concebendo o trabalho como um campo de desenvolvimento humano (CLOT, 2005).

A UTILIZAÇÃO DO *AINDA* NA FALA DOS SUJEITOS ANALISADOS INFLUENCIA NAS SUAS PRÁTICAS?

Como visto, partimos da ideia de que a linguagem e as ações dos sujeitos estão intimamente ligadas. Por isso, vamos apresentar a significação (tanto semântica, quanto pragmática) do *ainda* e verificar se a escolha feita desse item, em momento de enunciação, com a significação que será apresentada, confirma essa hipótese da implicação na ação dos sujeitos analisados e em suas práticas pedagógicas.

PRAGMÁTICA E A IMPLICATURA LIGADA AO *AINDA*

O conceito de Pragmática é bem amplo e por isso, antigamente, muitas vezes, se confundiu com os de outras áreas. Há quem o coloque em relação com a Análise do Discurso, outros com a Semântica, outros ainda com a Sociolinguística e a Psicolinguística, a notar pelo histórico dos conceitos atribuídos à Pragmática, feito por Rajagopalan (1999) e Pires de Oliveira & Basso (2007).

Como não é objetivo aqui relatar esse histórico, deteremo-nos nas considerações de Pires de Oliveira & Basso (2007, p. 6), baseadas em Morris (1946), que defende que, em linhas gerais, a pragmática “é o estudo da relação entre signos e seus intérpretes [...] diz respeito aos aspectos bióticos da semiose, isto é, a todos os fenômenos psicológicos, biológicos, sociológicos que ocorrem no funcionamento do signo”. Ainda, segundo Chomsky (1997), a Pragmática tem relação com a maneira pela qual o linguístico é usado. Para mais definições sobre Pragmática, ver Silveira (2007).

Assim, o significado pragmático pode variar, mas também pode não variar, como é o caso de algumas implicaturas (comumente entendidas como inferências). As implicaturas são um fenômeno tratado dentro da Pragmática. Trata-se de proposições baseadas tanto no conteúdo do que foi dito quanto em algumas suposições, deduções de natureza cooperativa em um determinado contexto (GRICE, 1975 [1967]).

Essas implicaturas nascem da violação de alguma máxima da conversação. As máximas da conversação, por sua vez, fazem parte do Princípio Cooperativo², que é uma teoria criada por Grice (1975 [1967]) para tentar explicar como se dá a conversação e como que os participantes atingem os propósitos e objetivos de comunicação dessa conversação com eficiência, sem mesmo conhecer teoria sobre isso. Dentro dessa perspectiva, o falante obedece a uma regra geral desse Princípio: “Faça sua contribuição conversacional tal como requerida, no momento em que ela ocorre, pela finalidade ou direção da situação comunicativa em que você está envolvido³”.

Essa regra geral está subdividida em quatro máximas:

1- Máxima da Qualidade: relacionada inicialmente à Supermáxima “Procure afirmar coisas verdadeiras” e duas Máximas mais específicas:

- (i) Não afirme o que você acredita ser falso;
- (ii) Não afirme algo para o qual você não possa oferecer evidência adequada.

2- Máxima de Quantidade: relacionada à quantidade de informação que deve ser fornecida em uma mensagem. A ela correspondem duas máximas:

- (i) Faça com que sua mensagem seja tão informativa quanto necessária, conforme os propósitos da conversação;
- (ii) Não dê mais informações do que o necessário (ou não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido).

3- Máxima da Relação: ligada à Máxima “Seja relevante”.

4- Máxima de Modo: ligada à Supermáxima “Seja claro” e às Máximas:

- (i) Evite obscuridade de expressão;
- (ii) Evite ambiguidade;

² Para entender melhor o que é o Princípio Cooperativo e as máximas da conversação, criados por Grice, ver seu texto *Logic and conversation* (GRICE, 1975).

³ “Make your conversational contribution such as required, at the stage at which it occurs, by the accepted purpose or direction of the talk exchange in which you are engaged” (GRICE, 1975, p. 45).

(iii) Seja breve (evite prolixidade desnecessária);

(iv) Seja ordenado.

Assim, a idéia de Grice (1975, [1967]) é que todos os participantes da conversação estão seguindo essa regra geral e suas máximas e quando isso não acontece é porque o participante tem uma segunda intenção com seu enunciado, quer dizer algo a mais. É nesse momento que é gerada a implicatura. Por exemplo:

Contexto - Mãe e filha já desceram do quarto andar até o térreo (fundo conversacional compartilhado)

Mãe: - Ai, esqueci meu óculos.

Filha: - Tá bom, mãe, já vou buscar.

Implicaturas: A mãe não quer ir buscar o óculos.

A filha tem que ir buscar.

A mãe quer que a filha vá buscar.

Nesse caso, o sujeito (a mãe) disse que esqueceu o óculos, mas a ouvinte (a filha) acredita que a mãe está pensando e querendo que ela (a filha) volte lá no quarto andar buscar. A filha acredita que tanto ela como a mãe podem concluir que para preservar o Princípio Cooperativo faz-se necessário chegar a essa conclusão de que é para a filha ir buscar o óculos.

Ou seja, se a mãe quisesse ser cooperativa e cumprir as máximas, ela poderia dar mais informação (sem violar as máximas da qualidade e da quantidade), como, por exemplo, - filha, vá lá no quarto andar buscar o óculos que esqueci. Assim, ela estaria dando informações (nem a mais, nem a menos) relevantes e de qualidade para sua interlocutora. Porém, não é isso que acontece, a mãe está violando as máximas da qualidade e da quantidade para dizer mais a sua filha. Foi dessa forma que nasceram as implicaturas acima descritas.

Reportando-nos ao caso do *ainda*, conforme afirma Gritti (2013), ele sempre gera uma implicatura aquela relacionada à **contraexpectativa**. Por exemplo:

(01) João ainda está namorando Maria

Era esperado que o João não estivesse mais namorando a Maria. Essa expectativa de “término de namoro” advém do fundo conversacional compartilhado.

Nessa sentença, a intuição dos falantes é a de que a sentença quer dizer que já não era para João estar namorando mais Maria, essa é uma expectativa, é o que se espera para essa situação de estar namorando. O *ainda* contraria essa expectativa: João ainda está. Em seguida, na sequência em (a) serão mostrados outros usos de *ainda* elencados por Gritti (2013) e que também apresentam essa mesma implicatura. Na sequência em (b) a comparação com sentenças sem a presença do item em questão.

(02) a. João ainda perdoa Maria. (continuativo)

expectativa: João já não perdoasse mais Maria.

b. João perdoa Maria.

(03) a. Eu ainda vou me casar. (aditivo no futuro)

expectativa: não fosse também se casar.

b. Eu vou me casar.

contexto: Maria tem prova amanhã, estudou a tarde inteira, fez bolo para vender e além disso vai se casar.

(04) a. Maria ainda foi ao cinema. (aditivo)

expectativa: dado tudo o que tinha para fazer, ela não faria mais nada.

b. Maria foi ao cinema.

(05) a. João ainda está no trabalho. (continuativo)

expectativa: João já não estivesse mais no trabalho.

b. João está no trabalho.

(06) João ainda fumou um cigarro antes de morrer. (repetitivo)

expectativa: João já não fumasse mais um cigarro antes de morrer.

b. João fumou um cigarro antes de morrer.

(07) Ainda que João se esforce, ele não conseguirá o perdão de Maria. (conjuntivo)
expectativa: João vai conseguir o perdão.

b. João se esforça e ele não conseguirá o perdão de Maria.

(08) Vale ressaltar, ainda, a importância do leite materno. (discursivo-textual)
expectativa: já tinham dito ou escrito tudo sobre o assunto.

b. Vale ressaltar, a importância do leite materno.

Diante dessa pequena amostra de exemplos retirados de Gritti (2013), que representam muitos outros analisados, podemos perceber na sequência acima, nos exemplos em (a), que em todos eles as sentenças contêm uma expectativa à qual a sentença com o *ainda* se contrapõe, o que não acontece com os exemplos em (b), sem o item.

O que ocorre é que o *ainda* contraria a expectativa do fundo conversacional compartilhado (contexto), por isso foi dito que ele gera uma implicatura de contraexpectativa, pois contraria a expectativa.

Assim, este trabalho visa demonstrar em situações reais de comunicação, por meio dos diálogos gravados, na seção 4 que essa implicatura acontece e que a utilização das sentenças com o *ainda* faz parte das atitudes dos docentes. Além desse componente pragmático, o item *ainda* carrega o semântico.

SEMÂNTICA

O significado semântico, sem muito aprofundamento, em linhas gerais, é o significado do item, da expressão, da sentença, sem a intenção do falante. Dentro da Semântica, há vários fenômenos que são desencadeados pelos elementos linguísticos e a pressuposição é um deles.

PRESSUPOSIÇÃO

A pressuposição é uma relação que pode ser analisada sob diversos enfoques teóricos. Alguns autores tratam-na dentro da abordagem referencial, como será aqui concebida

(CHIERCHIA & MCCONNELL-GINET, 1990; CHIERCHIA, 2003; LYONS, 1977; entre outros). Há ainda quem subdivide as pressuposições em semânticas e pragmáticas. Neste artigo, porém, não vamos entrar no mérito dessa questão e a pressuposição será assumida como semântica.

A pressuposição, em uma asserção, constitui aquilo que é assumido pelo locutor como sendo informação compartilhada por ele e pelo seu interlocutor. Esse fundo conversacional compartilhado, segundo Ducrot (1987) é um elemento contextual que é aceito tanto pelo falante quanto pelo ouvinte⁴. Por isso a discussão se a pressuposição é algo semântico ou pragmático, ou ainda semântico-pragmático.

Dessa forma, na pressuposição há a existência de algo ou verdade (evento, ser, sentimento) anterior e essa existência de algo é a informação compartilhada (mesmo que em vezes considerada pragmática), gerada por meio do material linguístico das sentenças, isto é, do significado das palavras, sintagmas ou sentenças. Assim, há um certo consenso na literatura de que existem itens, expressões, construções, entre outros que são geradores de pressuposição, exemplo clássico:

(09)

(a) Posto: João parou de fumar.

(b) Pressuposição: João fumava.

Dizer que *João parou de fumar* é pressupor que anteriormente João fumava. O verbo *fumar* ativa um conhecimento compartilhado de que antes do momento de proferimento da sentença João fumava, uma vez que quem enunciou a sentença posta conhecia João e sabia que antes ele fumava. Assim, o interlocutor que ouviu ou leu essa sentença posta aceitou como verdadeira a informação de que João fumava, se não, o enunciador não a teria dito dessa forma e isso foi chamado de pressuposição por Frege. Para verificar se há, verdadeiramente, essa relação de pressuposição é preciso analisar a família dessas sentenças uma vez que Frege (1960) observou que existia um tipo de conteúdo nessas sentenças que não era afetado quando essas sentenças são negadas, ou transformadas para a forma interrogativa ou em condicional, por exemplo:

⁴ Há ainda casos em que a pressuposição pode ser cancelada justamente pelo conteúdo pressuposicional ser falso, disso também deriva a dificuldade em identificar a pressuposição como sendo do campo semântico ou pragmático. Porém, aqui isso não será discutido.

(10)

- a. João não parou de fumar.
- b. João parou de fumar?
- c. Se João parou de fumar, ele caiu em si.

Nas sentenças em (10), a informação de (09b) “João fumava” permaneceu inalterada. Assim, essa família em (10) compartilha o mesmo conteúdo que (09a) na afirmativa.

Nessa perspectiva, pressuposição pode ser definida da seguinte forma para Cançado (2008, p. 34):

“A sentença (a) pressupõe a sentença (b), se, e somente se, a sentença (a), assim como também os outros membros da família da sentença (a) tomarem a sentença (b) como verdade”

Além do verbo *parar*, há outros verbos que também são considerados ativadores de pressuposição, tais como, *conhecer, saber, retornar, deixar, começar, terminar, acabar, ficar, tonar-se, criar, lamentar, lembrar, descobrir*, advérbios como *de novo, mais, novamente, antes de*, descrições definidas como os artigos, estruturas clivadas como *não foi X que*, expressões que quantificam *novo, segundo, terceiro*. E, finalmente, o item lexical *ainda*, que por muitos é considerado um advérbio.

Como mostramos em Gritti (2013), a utilização do *ainda* nas sentenças dispara uma pressuposição da existência de um evento anterior ao momento do proferimento da sentença, como se segue no exemplo:

(11) João ainda está dormindo. (continuativo)

(12) João está dormindo.

As sentenças (11) e (12) são diferentes. É evidente que (11) tem “algo a mais” e o que foi proposto foi que ela é desmembrada em duas partes: uma pressuposição de um evento

causalmente vinculado ao evento denotado pela matriz (contribuição semântica) e uma implicatura, relacionada à expectativa (contribuição pragmática).

(13) João ainda está comendo. (continuativo)

pode ser desmembrado em duas informações: o conteúdo veiculado e o conteúdo pressuposto.

A sentença “João está dormindo” é verdadeira no Português Brasileiro se e somente se João está dormindo no momento em que a sentença é proferida. Ela veicula a informação sobre o evento de João estar dormindo e elimina os mundos em que João não está dormindo naquele momento. O *ainda* veicula, na forma de uma pressuposição, que há um evento relacionado causalmente com o evento da sentença e esse evento já está no fundo conversacional compartilhado. Nesse caso, o evento causal é o mesmo veiculado pela sentença João está comendo, por isso podemos pensá-lo como um subevento de estar comendo. Obtemos, então, a leitura de continuação do evento episódico que se prolongou. A partir disso, iremos analisar linguisticamente ocorrências do termo *ainda* em situações reais de comunicação e verificar se essas pressuposições e/ou implicaturas têm alguma relação com a atividade dos profissionais envolvidos nos diálogos analisados.

METODOLOGIA

Para fazer essa análise, como mencionado, utilizamos o banco de dados coletado por Dalvane Althaus (2013), em ocasião de seu trabalho de mestrado, orientada pelo professor doutor Anselmo Pereira de Lima. Os sujeitos da pesquisa os quais compuseram esse banco de dados são docentes do ensino superior da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, câmpus Pato Branco e, na ocasião, faziam parte de um Programa de Formação Docente Continuada na Educação Superior chamado “Práticas Docentes: dialogar, compartilhar & refletir”, implementado em 2009⁵. Esse Programa era liderado pelo professor doutor Anselmo Pereira de Lima, também responsável pela Chefia do Departamento de Educação (DEPED) da instituição na época, fazia parte de sua equipe a pedagoga Dalvane Althaus e algumas alunas de iniciação científica.

⁵ Para mais informações sobre esse Programa, ler Lima (*et al*, 2011).

O objetivo deste Programa era o de, primeiramente, filmar as aulas dos docentes que disponibilizaram as suas gravações, para depois, esses mesmos docentes (cada qual com sua aula) observarem as suas próprias aulas em um procedimento metodológico de autoconfrontação simples em que havia a oportunidade de esse profissional pensar a sua aula em um espaço diferente do da sala de aula.

Em seguida, em uma sessão de autoconfrontação cruzada, um outro docente foi convidado a também assistir a aula do colega e a fazer comentários sobre. Havendo, assim, o dialogismo nessas situações de autoconfrontação em que ambos os sujeitos dialogam a respeito do mesmo objeto.

Os trechos deste trabalho que contêm as ocorrências do item lexical *ainda* foram retirados e analisados da filmagem, da seção de autoconfrontação simples, em que o professor, analisa sua prática. Os trechos foram transcritos na dissertação de Althaus (2013) e dali foram analisados.

ANÁLISE DOS DADOS

Para início da análise, reportemo-nos a um exemplo em diálogos produzidos em situação de autocronfrontação com a participação de um professor e um pesquisador, exemplo retirado da p. 66, da dissertação de Althaus (2013):

“Um Professor que, para garantir a melhor qualidade possível de sua aula, compromete sua saúde física”

Para esse professor, o bem-estar está relacionado com o mental, com o sentimento de que fez o melhor, mesmo que para isso comprometa seu físico. No AA (anexo A), L (linha) 145-150, o PA (professor A) observa uma parte do trecho de aula em que está digitando inclinado para demonstrar como o “servidor” recebe mensagens. “Embora opte por digitar inclinado, reconhece que seria melhor se pudesse ficar em pé” (ALTHAUS, 2013, p. 66 – 67):

(14) “eu acho assim ó eu me sentiria melhor... se eu pudesse ficar de pé... eu posso/ me:: me daria maior/ sei lá dá impressão que eu **ainda** estou... a::: acompanhando todo mundo...” (AA, L. 191-193).

Analisando o trecho, pragmaticamente, podemos dizer que conhecido o fundo conversacional compartilhado da sala de aula específica, com os alunos específicos, seria esperado que o professor PA já não estivesse mais acompanhando todo mundo. Porém, não é o que o professor PA faz. Ele fala que se pudesse ficar de pé ele daria a impressão que continuaria a acompanhar os alunos: “impressão que eu ainda estou... a::: acompanhando todo mundo...” Ou seja, o professor PA quer quebrar a expectativa dos alunos que é a de que o professor já não estaria mais acompanhando todo mundo. Assim, ele opta por utilizar a sentença com o *ainda*, pois é intuitivo o conhecimento linguístico de que o *ainda* carrega uma implicatura (inferência) de contraexpectativa. Dessa forma, com sua sentença “ainda estou acompanhando todo mundo” ele quebra a expectativa negativa dos alunos.

Portanto, pode-se perceber por meio da linguagem (da fala) que o professor quer romper com a barreira que há entre ele e os alunos. Quer se aproximar mais dos alunos, sua linguagem expressa isso. Se não, ele utilizaria uma sentença sem o *ainda*:

– “sei lá dá impressão que eu [...] estou... a::: acompanhando todo mundo”.

Assim, por que o professor utilizou a sentença com o *ainda*?

Na tentativa de resposta à essa pergunta, podemos reportar-nos à discussão entre o significado da palavra e a **intenção** do falante em usá-la ou não. Na sentença sem a presença do *ainda* não há expectativa por parte dos alunos, tampouco, uma contraexpectativa. E qual a diferença que isso faz?

A diferença é que ao proferir a sentença com o *ainda*, o prof. está informando que sabe (está ciente) da expectativa negativa dos alunos e com a utilização de *ainda* ele quer quebrar essa sensação ou a ideia negativa de que o professor não esteja mais acompanhando.

Pragmaticamente, podemos inferir que o professor quer ter uma postura contrária ao esperado pelos alunos, quer ser melhor visto pelos alunos. Com a quebra da expectativa, por meio da linguagem, certamente, o professor expressa que quer ganhar pontos positivos com os alunos. Isso comprova que é em função do interlocutor que o locutor seleciona todos os recursos linguísticos para construção do seu enunciado.

Semanticamente, a sentença “sei lá dá impressão que eu ainda estou... a::: acompanhando todo mundo” contém uma pressuposição da existência de evento anterior ao proferido no momento da fala e ele seria o de que, supostamente, o professor já estaria acompanhando os alunos antes. O que é diferente de dizer “sei lá dá impressão que eu [...] estou... a::: acompanhando todo mundo” em que não há nenhum evento de acompanhamento antes, o que já não acontece com a sentença em que o *ainda* está presente e pressupõe a existência de um evento de acompanhamento anterior.

Essa interpretação de continuidade que é acionada com a presença do item em questão analisado é a tentativa de mostrar por meio das suas escolhas linguísticas que o professor se esforçou e tentou fazer a sua parte. Ora, se ele estivesse de pé, ainda estaria acompanhando seus alunos. Ou seja, a ação do professor de estar de pé e sua continuidade (denotada pela linguagem, na figura do *ainda*) estão intimamente ligadas. Logo, ação e linguagem não podem ser dissociadas.

Isso também pode ser percebido em outro exemplo com o uso do *ainda*:

Althaus (2013, p. 80): PB: “Um Professor que enfrenta problemas de indisciplina dos alunos”

O PB observa pela segunda vez uma parte do trecho de aula em que traz o exemplo para uma situação hipotética, uma brincadeira segundo o que explicou anteriormente, em que envolve dois alunos: uma menina que teria acessado sites pornográficos, mas que não seria ela e, sim, um menino que teria invadido o computador dela e estaria se passando por ela. Pausa aproximadamente na metade da parte do trecho de aula em que faz a brincadeira e comenta:

(15) “e agora tentando ainda chegar mais próximo dos alunos né”

Esse *ainda* na fala do professor PB, semanticamente, nos diz que ele já havia tentado chegar mais próximo outras vezes antes e essa é uma das diferenças da sentença com o *ainda* e sem ele, observe:

(16) “e agora tentando [...] chegar mais próximo dos alunos né”.

Perceba que a sentença sem o *ainda* deixa em aberto se o professor tentou antes chegar mais próximo dos alunos, ao contrário da anterior com a presença do *ainda*, que pressupõe o

professor já tê-lo feito. Isso sem contar que há a ocorrência do *mais* que também dispara uma pressuposição, nesse caso, de que o professor já era próximo e queria ficar mais próximo, mas esse item não entra na análise em questão.

Assim, por meio da linguagem, com a fala desse outro professor que utiliza os termos em função do seu interlocutor, observamos que ele tem boa intenção, pois já tentou outras vezes chegar mais próximo dos alunos.

Além do significado semântico, que é essa pressuposição de existência de um evento anterior ao momento de fala, que nesse caso é o evento de tentar chegar mais próximo dos alunos, há também **o significado pragmático**, aquele relacionado à implicatura de contraexpectativa (GRITTI, 2013).

Nesse caso, o conhecimento compartilhado seria o de que não era esperado que o professor ainda estivesse tentando chegar mais próximo dos alunos, mas, ele, o professor PB, utiliza da sentença com o *ainda* para contrariar essa expectativa dos demais e afirmar que ele estava tentando chegar mais próximo dos alunos por meio de sua prática.

Ou seja, neste momento há um esforço a mais por parte do professor para tentar chegar mais próximo dos alunos. Assim, por meio da linguagem (de sua fala), podemos perceber a atitude que o professor tem em relação aos alunos, a da tentativa de conquista dos alunos.

Portanto, com uma quebra de expectativa gerada por seu contexto de trabalho, um professor - sujeito do diálogo em autoconfrontação que estamos analisando - busca ter uma postura contrária àquela esperada pelos alunos para melhorar a interação em sala de aula e isso se dá em uma parceria da linguagem com seus gestos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados de fala em situação de autoconfrontação, pudemos perceber que nas ocorrências com o *ainda* pragmaticamente é gerada uma implicatura de contraexpectativa, contrariando a expectativa dos interlocutores. Por exemplo, ao afirmar “ ‘sei lá dá impressão que eu **ainda** estou... a::: acompanhando todo mundo...’ (AA, L. 191-193)” o falante quebra a expectativa negativa dos alunos de que ele não estivesse mais acompanhando todo mundo.

Analisando esse mesmo trecho, semanticamente pudemos dizer que há uma pressuposição da existência de evento anterior ao proferido no momento da fala e ele seria o de

que, o professor já estaria acompanhando os alunos antes. Essas duas relações presentes nas sentenças com o *ainda* não estão presentes nas sentenças sem o item. O que isso faz de diferença na prática docente do professor que as enunciou?

Mostramos, com alguns exemplos, que ao utilizar sentenças com o *ainda* o falante demonstrou interesse por seus alunos, o que não ocorreria se ele não tivesse utilizado sentenças com o *ainda*. Ou seja, é a linguagem interferindo nas ações e nos pensamentos do professor.

Com o método de autoconfrontação, trazendo conceitos da teoria e análise linguística, foi possível perceber, mesmo com uma amostra limitada de itens analisados (só o *ainda*), que a escolha do sujeito na utilização ou não de determinadas palavras pode fazer diferença na resignificação de sua prática no trabalho.

REFERÊNCIAS

ALTHAUS, Dalvane. **Complexidade e relevância de um gesto profissional docente aparentemente simples**. 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco. 2013.

BAKHTIN, Michail. **Estética da Criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes [1979]. 1992.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Laud e Yara Frateschi Vieira. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2 ed. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2008.

CHIERCHIA, Gennaro. (2003). **Semântica**. Tradução de L. Paganini, L. Negri e R. Ilari. Campinas: Editora da Unicamp Londrina: EDUEL, 2003.

_____; S. McCONNELL-GINET (1990) **Meaning and grammar: an introduction to semantics**. Cambridge: MIT Press.

CHOMSKY, Noam. Chomsky no Brasil. **D.E.L.T.A.**, 13. n.º Especial, 1997.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Trad. Guilherme Teixeira e Marlene Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

CLOT, Yves. **L'autoconfrontation croisée en analyse du travail: l'apport de la théorie bakhtinienne du dialogue**. In: FILLIETTAZ, L.; BRONCKART, J. P. (eds.). *L'analyse des actions et des discours en situation de travail. Concepts, méthodes et applications*. Peeters: Louvain-la-neuve, 2005.

_____. **Travail et pouvoir d'agir**. Paris: Puf, 2008.

DUCROT, Oswald. _____. **O dizer e o dito**. Campinas : Pontes, 1987

FAÏTA, Daniel. **L'image animée comme artefact dans le cadre méthodologique d'une analyse clinique de l'activité**. Revue électronique @ctivités, n. 2, v. 4. p.3-15, 2007. Disponível em: <http://www.activites.org/v4n2/v4n2.pdf> . Acesso em: 02 fev de 2018.

FAÏTA, Daniel. **La conduite du TGV: exercices de styles**. **Champs Visuels**, n. 6. p.123-129, 1997.

FREGE, Gottlob. **Translations from the philosophical writings of Gottlob Frege**. Oxford: Blackwell, 1960.

GRICE, Paul. **Logic and conversation**. In: COLE, P.; MORGAN, J.L. (Eds). **Syntax and semantics 3: Speech acts**, p. 41-58. New York: Seminar Press, 1975 [1967].

GRITTI, Letícia Lemos. **'Ainda' há o que fazer, mas 'já não mais' aqui: Uma análise semântico-pragmática de 'ainda' e 'já não mais'**. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2013.

LIMA, Anselmo Pereira. **Visitas técnicas: um processo de “conciliação” escola-empresa**. 2008. 336f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: Acesso em: 03 set. 2018.

_____.; *et al.* C. L. S. III Seminário Educação e Desenvolvimento. **Formação docente continuada e desenvolvimento do protagonismo discente na universidade: faces de uma mesma moeda**. 2011. (Seminário).

LYONS, John. **Semanties**. Cambridge: Cambridge University Press, 2 v, 1977.

MORRIS, Charles. **Signs, Language and Behavior**. New York: Prentice Hall, 1946.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta.; BASSO, Renato Miguel. **A Semântica, a pragmática e os seus mistérios**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem , v. 8, p. 1-30, 2007.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Os caminhos da pragmática no Brasil**. DELTA 15, nº especial, p. 323-338, 1999.

SILVEIRA, Silvana Souza. **Teoria das interferências pragmáticas do tipo implicatura: por uma potencial aplicação para o ensino/aprendizagem do português como L2**. Tese. (Doutorado emLinguística). Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. Lisboa: Edições Antídoto, 1979.

_____. A construção do pensamento e da linguagem. Tradução de Paulo Bezerra.
São Paulo: Martins Fontes, 1934/2001.